Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, nº 9, abril-julho/1934, pp. 65-66

NOTAS À MÁRGEM SÔBRE A DESCOBERTA DO BRASIL

PELO GENERAL JOÃO DE ALMEIDA

DIRECTOR DA ESCOLA CENTRAL DE OFICIAIS
ANTIGO MINISTRO DAS COLÓNIAS
ANTIGO GOVERNADOR DA HUILA
ESCRITOR E COLONIALISTA

(ESPECIAL)

A descoberta do Brasil não póde continuar a ser interpretada como filha do Acaso que levou Álvares Cabral a navegar para oéste nem mesmo como uma criação original deste navegador. A crítica do acontecimento aceitou a razão mais simples onde era necessário ir procurar a mais profunda.

Se não nos limitamos à teoria do Acaso, simples e cómoda em demasia, e consideramos a série de factos que precederam a descoberta da América como fáses sucessivas dum plano que se desenvolve até à descoberta do mundo, encontramos não só o rumo de idéas que se opõe à tése do Acaso mas também os próprios acontecimentos que refázem a História na sua pureza e na sua *verdade*.

Do sentimento antigo àcêrca da existência de terras no Atlântico — essas ilhas misteriosas e as cidades submersas de que sempre falaram lendas portuguesas — resultou a hipótese da sua real existência logo que o espírito de expansão da Raça procura alongar para mais longe as suas explorações através do mar.

E a descoberta de Pôrto Santo em 1418, a da Madeira no ano imediato, assim como o comêço da descoberta dos Açores em 1432 resultam de instruções precisas dadas aos navegadores para explorarem os mares de Oéste.

O sentimento àcêrca da existência de terras no Atlântico — sentimento que se filía em éras remotíssimas que se reportam à submersão da Atlântida — procura uma confirmação nos mares de Oéste para onde os navegadores portugueses são conscientemente dirigidos.

GENERAL JOÃO DE ALMEIDA

Qual o limite dessas explorações? Limitaram-se a galgar as centenas de milhas que nos separam dos Açores numa época em que

os sonhos de glória, o espírito ardente da expansão e novos horizontes económicos impeliam os navegadores para mais longe, para mais além? Não é provável. O próprio facto de se ter confirmado a hipótese da existência de terras no Atlântico leva a supôr que as tentativas de descoberta doutras se teriam feito. Até onde?

Deixemos por agora esta pregunta sem resposta. Ao mesmo tempo que prosseguia a descoberta da costa africana activava-se também com uma persistência visível nas efemérides dos descobrimentos a exploração dos mares de Oéste até à total descoberta dos Açores.

Em 1486 o conhecimento das novas ilhas e a navegação que já as alcançára sérve de base à hipótese da existência doutras terras mais a Oéste. D. João II nesse ano, efectivamente, concede a Fernão Dulmo, dos Açores, a ilha das Sete Cidades *ou da parte continental... que descobrisse... nos mares de Oéste.*

Como a João Afonso do Estreito, da Madeira, faz idêntica concessão de *metade das ilhas ou do continente descoberto depois de 40 dias de viágem para Oéste.*

E assim se chega a uma primeira hipótese sôbre o descobrimento do Brasil, não por acaso, mas pelo desenvolvimento dum plano em marcha no seu rítmo próprio, bem como a de ter sido essa descoberta anterior a 1500, ano em que as naus de Pedro Álvares Cabral chegam ao Brasil.

Pelos documentos apresentados pelo Sr. Jordão de Freitas, "O descobrimento pré-columbino da América Austral pelos portugueses" (Revista Lusitana n.º 9 de Abril de 1926) demonstra-se que em 1492 foi construïda uma igreja junto à fortaleza da Feitoria de Pernambuco — o que prova que os portugueses deveriam ter alí aportado uns anos antes.

Álvares Cabral realiza a descoberta oficial — aquela que já não se opõe às necessidades dum segredo de Estado. Antes dêle outros portugueses tinham alcançado o Brasil.

Como? Não é de admirar mais uma vez a hipótese do Acaso. E posta esta de parte, sacrificada até pela repetição que a destrói, é razoável crêr que foi a exploração dos mares de oéste prosseguindo sempre que levou até lá os navegadores portugueses.

Com este facto harmonizam-se as circunstâncias da descoberta da América por Cristóvam Colombo. O navegador genovês (ou português segundo uma hipótese recente), cultivado em Portugal onde aprendeu a ciência náutica e se embebeu do ardente espírito de expansão que animava os portugueses não devia ignorar nem o rítmo nem os resultados das explorações nos mares de Oéste. Não devia ignorar mesmo o facto da descoberta do Brasil anteriormente à descoberta oficial em 1500.

Quando Colombo se lança para o Oéste não é, decerto, a América que procura, mas sim um outro caminho para êsse Oriente — as Indias — onde então se queimavam os sonhos de glória e os esforços dos navegadores da época. E' facto assente que na sua viágem à América recebeu o roteiro e as indicações dum piloto português, na ilha da Madeira.

Como se explica então, em função dos conhecimentos adquiridos pelas descobertas anteriores essa tentativa de alcançar a India pelo Oéste?

A pregunta só tem uma resposta: Cristóvam Colombo estava decerto convencido que o caminho existia; essa convicção não resultava dum palpite nem duma ânsia de aventura mas sim de factos concretos que permitiam estabelecer uma hipótese aceitável.

Os factos éram o próprio conhecimento das terras da América do Sul que êle devia ter colhido no seu contacto com os navegadores portugueses e com o auxílio do roteiro do piloto.

A hipótese consistia em supôr que a América do Sul, teria o seu limite norte, como a África em fronteira totalmente marítima e que o caminho se abria livre e amplo até essa India maravilhosa cujo rumo tantos procuravam fervorosamente.

Quando em 1500 Álvares Cabral descobre o Brasil, oficialmente, já as explorações doutros navegadores e a fixação de portugueses em terra de Santa Cruz tinham desvendado a América do Sul, fornecendo a Cristóvam Colombo a compensação de não ter descoberto o caminho da India pelo Oriente: as terras da América Central!

Lisboa, Abril de 1934.